
**Produção de sentido e educomunicação no telejornalismo:
um estudo de caso sobre a representação de clubes de leitura no “GloboNews
Literatura”¹**

Filomena Maria Avelina BOMFIM²
Pedro Augusto Silva MIRANDA³
Vanessa Coutinho MARTINS⁴

Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG
Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Assim como o professor, o jornalista possui um compromisso social com aqueles que consomem os conteúdos produzidos. Além disso, o profissional do jornalismo é responsável pela transmissão de conhecimento e, por isso mesmo, é detentor de enorme responsabilidade para com a sociedade. Seu compromisso profissional, segundo Freire (2022, p. 24), “é uma dívida que assumiu ao fazer-se profissional”. Nesse sentido, tendo em conta o baixo índice de leitura no país e a capacidade que a mídia possui de moldar gostos e atitudes, este artigo busca analisar, através da metodologia de estudo de caso, a produção de sentidos a partir da representação de clubes de leitura nos episódios da série do “GloboNews Literatura”. O referencial teórico deste trabalho transita entre os conceitos de Educomunicação, Telejornalismo, Produção de sentido e Clubes de leitura.

PALAVRAS-CHAVE: Educomunicação; Produção de sentido; Representação; Clube de leitura; Telejornalismo.

INTRODUÇÃO

Diariamente somos confrontados com um fluxo infindável de imagens e informações. Para Vizeu (2009), cabe aos jornalistas “organizar o mundo” oferecendo ao público recortes de mundo e percepções da realidade. Traduzindo-se, portanto, em uma forma de conhecimento crítico com preocupação de interpretar e compartilhar a realidade social. O jornalista é um profissional que assume um determinado

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Professora do Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades & Sustentabilidade (PIPAUS), da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Líder do “Grupo de Estudos & Pesquisas em Educomunicação” (CNPq/UFSJ), email: fmabomfim@ufsj.edu.br

³ Doutorando em Comunicação no PPGCOM UFJF, bolsista Capes, integrante do grupo de pesquisa “Narrativas Midiáticas e Dialogias” (CNPq/UFJF), e-mail: pedro.miranda@estudante.ufjf.br

⁴ Doutoranda em Comunicação no PPGCOM UFJF, bolsista Capes, integrante do grupo de pesquisa “Narrativas Midiáticas e Dialogias” (CNPq/UFJF), e do “Grupo de Estudos & Pesquisas em Educomunicação” (CNPq/UFSJ), e-mail: vanessacoutinhomartins@gmail.com.

compromisso dentro da estrutura de uma sociedade. Assim, quanto mais efetivo for esse comprometimento, maior será sua contribuição para o desenvolvimento de uma consciência crítica na população (Freire; Guimarães, 2011).

Cerqueira (2019), a partir de Freire, defende uma correlação entre os saberes à prática educativa e o exercício da profissão pelos (tele)jornalistas. Considerando que a educomunicação é um campo de mediações (Soares, 2000), neste artigo, argumentamos a partir de Cerqueira (2019), que a prática educocomunicativa e a (tele)jornalística partilham de alguns saberes em comum, como: criticidade, compromisso com a realidade, ampliação de diálogos e escuta ativa, por exemplo. No capítulo intitulado “O Compromisso do Profissional com a Sociedade”, Freire (2022) analisa o homem enquanto profissional. Dessa forma, reflete sobre o engajamento do especialista perante a sociedade. Este, não pode julgar-se como detentor de uma verdade única e absoluta, já que necessita ter responsabilidade com as informações transmitidas e com os sujeitos a quem fala.

De acordo com os dados divulgados pela última pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, de 2021, a quantidade anual média de livros lidos por habitante é de 4,95. Contudo, a pesquisa abarca todos os respondentes que afirmaram ter lido pelo menos um pequeno trecho de livro. Tendo em conta o papel educador que a mídia exerce (Guimarães; Freire, 2011), a forma com que a divulgação de grupos de leitura ou qualquer outro tipo de formação literária é realizada por qualquer produto midiático influencia em sua percepção pelo público. Assim, a mídia possui uma potente capacidade de disseminar o gosto pela leitura, bem como as distintas possibilidades para a expansão do conhecimento, seja de forma individual ou coletiva.

Dessa forma, este artigo busca analisar, a partir da metodologia de estudo de caso (Yin, 2001), a produção e a oferta de sentidos a partir da representação de clubes de leitura nos episódios da série de reportagem do “GloboNews Literatura”, levando em conta o papel educocomunicativo do telejornalismo e, conseqüentemente, a aproximação entre os campos da Comunicação e Educação, como proposto por Soares (2014).

CONTEXTUALIZAÇÃO E DEFINIÇÕES

Pensando no contexto das narrativas literárias, o seu compartilhamento remonta sociedades de outrora, quando livros ou até mesmo manuscritos precisavam ser lidos em

voz alta para atingir um maior número de pessoas, em decorrência do baixo índice de alfabetização. De grandes salões a salas de estar de residências, os espaços pelos quais a literatura repousava eram os mais diversos. Seja pela busca de informação ou pela simples interação social, as formações literárias atravessaram séculos e, na contemporaneidade, migram pelas mais distintas plataformas adequando-se às características dos meios e das culturas.

Esse tipo de formação social se tornou parte da cultura *mainstream*, em 1996, com o *Oprah's Book Club* (Rehberg Sedo, 2011). A apresentadora americana Oprah Winfrey foi responsável não apenas por contribuir com o aumento do índice de leitores americanos, mas também por influenciar toda uma cultura de consumo e interação a partir de livros, auxiliando inúmeros escritores a alcançarem posições em listas de *best sellers* e instigando leitores/telespectadores a interagirem por meio de envio de cartas ao programa.

Segundo Striplhas (2009, p.112), “a influência da mídia por si só não pode explicar o sucesso de qualquer fenômeno cultural de massa”⁵, porém, o autor não nega a função educativa que o clube de Oprah exerceu, não apenas no que diz respeito ao conteúdo dos livros, mas também o didatismo desempenhado pela apresentadora. Além disso, Striplhas afirma que o desfecho do programa revelou o inverso do que muitos presumiam: uma relação conflituosa que os livros e a TV pareciam possuir.

No entanto, Winfrey não foi a única a promover clubes de leitura nas telas da TV e, seguindo o modelo de sucesso do *Oprah's Book Club*, algumas emissoras desenvolveram propostas nesse formato⁶. No Brasil, antes mesmo do desenvolvimento

⁵ Tradução nossa. No original: “media influence alone cannot account for the success of any mass cultural phenomenon”.

⁶ Citamos alguns exemplos levantados em mapeamento: Com início em 2004, no Reino Unido, o casal Richard Madeley e Judy Finnigan promoveram o *Richard and Judy Book Club*, que, atualmente não é mais televisionado, possuindo apenas um *site* com os livros selecionados sazonalmente pelos antigos apresentadores. A TV britânica, atualmente, conta com o programa *Between The Covers*. Com início em 2020, o programa é exibido nas noites de terça-feira na BBC2 e também disponível no BBC iPlayer. Apresentado pela jornalista Sara Cox, em cada episódio quatro celebridades são convidadas a trazer seu livro favorito para discutir. Os convidados também discutem um novo lançamento a cada semana. Outra iniciativa, também da TV britânica, é o *Sky Arts Book Club*, produzido pela Sky Arts (canal de televisão aberto britânico), em 2020, e com três temporadas até então. Na Nigéria há o *Channels Book Club*, um programa produzido pela *Channels Television* que vai ao ar nas tardes de terça-feira para promover a educação e cultura de leitura no país. Na Austrália, entre 2006 e 2017, semanalmente, a ABC TV transmitiu o *Book Club* (anteriormente *First Tuesday Book Club*) que incluía, além das tradicionais discussões sobre os livros lidos, notícias literárias, publicações e outras recomendações de livros dos convidados. Na Irlanda, em 2023, a *RTÉ - Ireland's National Television and Radio Broadcaster*, iniciou o programa *Page Turners*, que apresenta, nas noites de quinta-feira, resenhas literárias com clubes do livro de todo o país em que os membros discutem clássicos modernos e favoritos atuais.

do modelo criado por Winfrey, a extinta TV Paulista (adquirida pela TV Globo), em 1963, produziu um programa semanal, intitulado “Clube do Livro”. Com atrações rotuladas como “femininas”, o objetivo era o de fomentar a formação de bibliotecas caseiras e apresentar entrevistas com intelectuais sobre literatura (Milton, 2002). Segundo Amorim (2008), a década de 60 trouxe manifestações sócio-culturais que influenciaram comportamentos no mundo todo. A partir de acontecimentos como a guerra do Vietnã, as repressões militares e a contracultura *hippie* aliados à explosão tecnológica, ocorreram condições para que a televisão se consolidasse como um importante meio de comunicação. Amorim (s.d, p. 5) argumenta que

Dentre as atrações femininas, a mais famosa foi Clube do Lar [Figura 1], que teve vários anos de permanência no ar, preenchendo as tardes da emissora [TV Paulista] [...] O programa apresentava literatura, cujo quadro se chamava “Clube do Livro”, artesanato, moda, cinema, culinária, noticiário, entrevista com mulheres famosas, algumas vezes representações dramáticas e terminava, diariamente, com a Hora da Ave Maria, às 18h [...] O programa teve bastante audiência e chegou a instituir uma carteira de sócio para as telespectadoras, que podiam frequentá-lo nas ocasiões festivas e concorriam a prêmios.

Na década de 70, a TV Cultura iniciou as produções do Cabaré Literário (Figura 1). A proposta não se auto intitulava como clube de leitura, mas integrava poesia, prosa, teatro e música. O programa foi gravado em cenário que remete a um cabaré e apresenta interpretações de obras produzidas por autores brasileiros, de diferentes movimentos literários.

Figura 1 - Programa Clube do Lar - TV Paulista (1962) e Programa Cabaré Literário - TV Cultura (1975)



Fonte: Amorim (2008)

Para Hartley (2003), a definição de grupo de leitura estaria ligada a uma diversidade de fatores, mas, principalmente, à classificação dada pelos próprios membros. Porém, para a autora, a definição usual consiste de um conjunto de pessoas que se reúnem regularmente para discutir livros. Em conexão, Gallian (2017, p. 87-88) afirma que o objetivo é “compartilhar sensações, impressões e opiniões suscitadas pela leitura de determinada obra”.

Atwood (2000) argumenta que a conversação nesse tipo de formação social usualmente consiste de membros debatendo se aprovam ou não os rumos estabelecidos na narrativa, qual é o significado que o autor aparentemente atribuiu ao que aconteceu e se o significado fornece alguma pista para nossos tempos. Além disso, “[...] o assunto real e oculto de uma discussão em grupos de livros são os próprios membros do grupo”⁷ (Atwood, 2000, p. 4, tradução nossa).

Voltado para o contexto escolar, Cosson (2021) define círculos de leitura⁸ como espaços que não possuem como interesse principal a formação de especialista em um determinado assunto ou que estabelecem uma única e absoluta interpretação. Além disso, não há a necessidade de se chegar a um consenso. “De certa forma, um círculo de leitura tem os mesmos predicados dos Círculos de Cultura de Paulo Freire, que os localizava como espaços de diálogo e participação em lugar de ensino doador e passivo tradicional [...]” (Cosson, 2021, p. 139).

Freire (1991) argumenta que os Círculos de Cultura possuem, ao mesmo tempo, um caráter democrático e libertador, em que há uma constante aprendizagem não fragmentada. Dessa forma, há um posicionamento social perante os problemas vivenciados nos contextos dos envolvidos, promovendo debates horizontais que contribuam para que possam perceber que são detentores de sua cultura e história. Assim, os integrantes possuem a capacidade de ampliar sua percepção sobre a realidade a qual estão inseridos. Esse processo, proposto por Freire, gira em torno da autonomia e da dialogicidade. Logo, trata-se de um método que prevê a construção do conhecimento

⁷ Tradução dos autores. No original: “[...] the real, hidden subject of a book group discussion is the book group members themselves.”

⁸ Clubes do livro, clubes de leitura, grupos de leitura, e círculos de leitura possuem em comum a suscitação de interações sociais a partir de debates literários. Porém, Cosson (2021) denomina os círculos de leitura como prática comumente estabelecida em ambiente escolar com objetivo de auxiliar na formação literária dos estudantes. Fora da escola, as características que mais se sobressaem são a sociabilidade, a interação social, e o compartilhamento de pensamentos, segundo Cosson.

a partir do diálogo com temáticas que circundam o universo dos envolvidos para uma problematização.

Por dialogicidade, Freire (2021) entende como o diálogo; a comunicação que proporciona ações de colaboração entre os sujeitos. “O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (Freire, 2021, p. 109). Assim, o silêncio seria um empecilho para o processo de ação-reflexão.

A partir dessas definições, entendemos que essas formações sociais não necessariamente devem possuir obrigatoriamente um conjunto de características. A particularidade mínima para que possam ser atribuídas ou não como clubes de leitura seria a de um grupo de pessoas que se encontram periodicamente para discutir assuntos relacionados a livros.

Argumentamos, assim como Hartley (2003), que a partir do momento em que os integrantes percebem o processo no qual estão envolvidos como um clube de leitura, essa interação social é determinada como tal. Porém, de acordo com as definições apresentadas, que partem de observações em campo dos autores citados, elencamos os seguintes termos-chave que caracterizam, em sua maioria, os clubes de leitura: a) discussão e troca de saberes (dialogicidade), b) sociabilidade, c) respeito e inclusão, d) consciência crítica, e) interesse pela leitura. É evidente que nem todos os membros de todos os clubes de leitura possuem integralmente essas características apontadas mas, a partir dos momentos de troca, o desenvolvimento dessas qualidades e também de outras aptidões tem o potencial de ocorrer. Dessa forma, todos os envolvidos possuem uma função social, seja qual for o formato da atividade desempenhada em grupo ou a forma definida para sua organização.

O PAPEL EDUCOMUNICATIVO DO TELEJORNALISMO

Segundo a última pesquisa “Retratos de leitura no Brasil”, divulgada em 2021, apenas 13% dos brasileiros compartilharam experiências de leitura em roda de conversa ou clube de leitura nos últimos doze meses do ano em que a pesquisa foi realizada. Como importantes agentes de transformação social, a forma com que esses agrupamentos são representados na televisão influencia em sua criação, procura e adesão, tendo em conta a forte influência que a TV possui na formação política, social e

cultural de seus espectadores. Assim, o jornalista, ao noticiar um fato, possui um compromisso social semelhante ao de um professor.

Se a gente fizesse um paralelo entre o que há de semelhante entre a atividade jornalística e a atividade do professor em sala de aula, veríamos a preocupação - tanto do professor quanto do jornalista - com o estudo, a pesquisa, a busca do conhecimento. Uma vez que ele explora o conhecimento, que ele procura definir e adentrar o conhecimento, ele vai procurar colocar esse conhecimento ao alcance do aluno ou do leitor, de maneira que este possa ter a sua curiosidade estimulada por determinado conteúdo ou informação, aproveitando a própria vivência que já traz (Guimarães; Freire, 2011, p. 148).

Portanto, a partir do conhecimento adquirido através do professor ou jornalista, o estudante ou receptor de determinada informação não irá apenas deglutir o que aprendeu, mas criar e recriar. Deve-se levar em conta, porém, que as condições às quais esses dois profissionais desempenham suas funções são diferentes. No caso do professor, os estudantes terão a possibilidade de contar com sua presença física. Já o jornalista atuará em tempo e espaço distinto de quem receberá o conteúdo desenvolvido pelo profissional. Porém, ambos terão que levar em conta o processo de apreensão de quem recebe a mensagem, ou seja, o estudante ou o leitor/espectador. O professor tem a oportunidade de acompanhar o desenvolvimento do processo de aprendizagem dos estudantes, já o jornalista não possui a possibilidade de realizar tal tarefa. O jornalista desempenharia “[...] apenas a primeira etapa do processo (a preparação, elaboração, e transmissão de informações [...])” (Guimarães; Freire, 2011, p. 157).

Outro quesito importante levantado pelos autores é o fato de que nem todo profissional do jornalismo tem a real e clara consciência do papel político-educativo de seu trabalho. É relevante destacarmos que, o termo “política”, não se refere a ações partidárias atreladas a determinados partidos políticos, mas sim a questões ativistas com perspectivas voltadas para que a população tenha uma formação crítica perante o contexto ao qual estão inseridos.

Há de se levar em conta, ainda, que, como argumenta Freire (2021), a ideia de neutralidade é vazia no sentido de que ninguém ou nenhum produto midiático é neutro. Assim, não existe educação, ou qualquer mensagem transmitida, com caráter neutro. O simples fato de afirmar a existência de neutralidade já é, em si, uma opção.

[...] tanto o jornalista quanto o professor, ao escolherem - na realidade complexa dos fatos, informações e opiniões - um número necessariamente limitado de elementos para compor as suas mensagens, desenvolvem um exercício que não apenas refletirá fragmentos da chamada realidade objetiva, mas também

pedaços e produtos da sua própria percepção, que poderemos chamar de realidade subjetiva. (Guimarães; Freire, 2011, p. 160)

A manipulação da mensagem, e conseqüentemente dos sujeitos, impera quando o professor ou o jornalista, conscientemente, oculta fatos da realidade descrita de forma a influenciar os receptores da mensagem por razões específicas. No caso do jornalista, todos os envolvidos no desenvolvimento da notícia devem estar atentos, sempre pensando em como o conteúdo produzido chegará a quem o consome. Salientamos, porém, que um telejornal, uma reportagem ou qualquer outro produto midiático não substitui a escola e a família na formação dos sujeitos. Assim, mesmo o jornalista tendo um inegociável compromisso social, não se deve atribuir a esse profissional a mesma dimensão que é atribuída ao contexto escolar (Cerqueira; Vizeu, 2019).

Sendo a educomunicação um campo de mediações, como apresentado por Soares (2000) argumentamos, a partir de Cerqueira (2019), que a prática educ comunicativa e a jornalística partilham de alguns saberes em comum, como: criticidade, compromisso com a realidade, ampliação de diálogos e escuta ativa, por exemplo. Logo a representação dos fatos cotidianos pela linguagem mídia envolve uma série de fatores.

Para Hall (2016, p. 17), “a linguagem nada mais é do que o meio privilegiado pelo qual ‘damos sentido’ às coisas, onde o significado é produzido e intercambiado”. Logo, a “representação” está ligada a escolhas: escolha de palavras para descrever algo, escolha de imagens, escolha de histórias para exemplificar um certo assunto, classificações ou valores embutidos. O “sentido”, por sua vez, está culturalmente imbricado no cotidiano dos sujeitos, perpassando diversos processos e práticas e, inclusive, sendo produzidos por uma variedade de mídias, sobretudo na contemporaneidade, “[...] na moderna mídia de massa, nos sistemas de comunicação global, de tecnologia complexa, que fazem sentido circularem entre diferentes culturas [...]” (Hall, 2016, p. 22). O “sentido”, para o autor, ainda estaria ligado ao consumo, aos usos, ou à forma como os sujeitos se apropriam de produtos culturais ou até mesmo tecem narrativas em torno deles.

OS CLUBES DE LEITURA NARRADOS NAS TELAS

Atualmente, não há programas televisivos voltados exclusivamente para a promoção de clubes de leitura no país, porém, a divulgação dessa atividade pela imprensa segue frequente, como é o caso do programa “Caminhos da Reportagem” (TV Brasil), que exibiu, em março de 2022, a reportagem “Clubes de leitura: histórias compartilhadas”⁹, e da série de três episódios sobre clubes de leitura produzida e exibida pelo canal GloboNews no programa jornalístico “GloboNews Literatura”, objeto desta pesquisa, que foi ao ar no final de 2019 e início de 2020. O programa define-se como uma revista semanal com novidades do mundo literário, trazendo um escritor ou tema/gênero literário como destaque da edição.

Sendo assim, a partir desta contextualização, neste artigo analisamos a produção e a oferta de sentidos a partir da representação de clubes de leitura nos episódios da série de reportagem do “GloboNews Literatura”, levando em conta o papel educacional do telejornalismo e, conseqüentemente, a aproximação entre os campos da Comunicação e Educação (Soares, 2014).

A escolha da abordagem jornalística em detrimento da análise fundamenta-se por ser até então, no período em que esteve no ar (de 2012 a 2020), o único programa dedicado a tratar exclusivamente de temas relacionados à literatura no principal canal de notícias brasileiro, em termos de audiência televisiva. Para tanto, a amostra do estudo compreende três reportagens, com aproximadamente 20 minutos de duração, exibidas em: 7 e 14 de dezembro de 2019 e 11 de janeiro de 2020. Essa delimitação do *corpus* foi proposta por se tratar de edições que abordam a dinâmica de clubes de leitura, destacando diferentes contextos e ambientes da prática de leitura (condomínio, sistema prisional, bares) e em várias cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Londres e Nova York. O material está disponível no Globoplay, plataforma de conteúdo audiovisual da Globo. No quadro 1 sistematizamos as informações sobre o material selecionado para a análise.

⁹ A reportagem na íntegra, bem como outras edições do programa podem ser acessadas gratuitamente no canal da TV Brasil no YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/HC_8BKmGStk>. Acesso em: 11 jul. 2023.

Quadro 1 - Reportagens analisadas do “GloboNews Literatura”

EXIBIÇÃO	TÍTULO	DURAÇÃO	REPÓRTER	DISPONÍVEL EM:
7 dez. 2019	Clube de leitores - Episódio 1	21'57”	Claufe Rodrigues Mônica Waldvogel Marina Izidro	https://canaisglobo.globo.com/assistir/globonews/globonews-literatura/v/8149079/
14 dez. 2019	Clubes de leitura	7'48”	Mônica Waldvogel Claufe Rodrigues	https://g1.globo.com/globonews/globonews-literatura/video/globonews-literatura-bloco-2-8167019.ghtml
11 jan. 2020	Clubes de leitura – A literatura que liberta	21'21”	Claufe Rodrigues Candice Carvalho Carolina Cimenti	https://canaisglobo.globo.com/assistir/globonews/globonews-literatura/v/8230527/

Fonte: Elaborada pelos autores (2023)

A metodologia a ser utilizada na pesquisa é o estudo de caso (Yin, 2001), por permitir inferência sobre o objeto como um todo a partir de casos/*corpus* específicos. Ou seja, ainda que a amostra regular esteja delimitada, conforme indicado anteriormente, a metodologia possibilita apontar casos específicos dentro da temática abordada, bem como sua generalização.

Para este estudo, a estratégia escolhida é a de “base em proposições teóricas” atrelada à técnica de “construção e explicação”, que, como o próprio nome sugere, baseia-se em uma análise dos dados obtidos construindo uma explicação sobre o caso. A escolha do método também pode ser justificada a partir da limitação do estudo, que não pretende dar conta da totalidade do fenômeno analisado, mas apresentar tensionamentos sobre a representação dos clubes de leitura no programa jornalístico.

O desenho do estudo prevê uma análise qualitativa a partir de categorias de análise, a saber (ver quadro 2): contexto, enredo, vozes e edição, para a “leitura” do objeto/reportagens, dentro do estudo de caso. A categoria “contexto” corresponde aos elementos verbais e não-verbais utilizados para explicar o que são os clubes de leitura, em “enredo”, observamos as narrativas apresentadas pelo programa para enquadrar a temática. A categoria “vozes” identifica e analisa as fontes, personagens, presentes/ausentes na narrativa das reportagens, e na categoria “edição” busca-se interpretar os recursos audiovisuais acionados para a ampliação dos sentidos pretendidos. No quadro 2, apresentamos os destaques dos dados obtidos a partir da categorização.

Quadro 2 - Síntese dos dados a partir da categorização

CATEGORIAS			
CONTEXTO	ENREDO	VOZES	EDIÇÃO
<p>Reportagens indicam a localização dos clubes de leitura;</p> <p>Apresenta configuração clássica de um clube;</p> <p>Apresenta diversidade e outros formatos possíveis com clubes segmentados (feministas, musical, social)</p> <p>Regras criadas por um clube específico como concepção geral do que configura esse encontro.</p>	<p>Experiência imersiva no telejornalismo ao apresentar a dinâmica de um clube;</p> <p>Mistura de temas (produção literária e editorial, feira literária);</p> <p>Valor-notícia: escolha de clube fora do formato clássico;</p> <p>Função social dos clubes: formação de novos leitores e remição de pena no sistema prisional;</p> <p>Metáfora: clubes de leitura e a Literatura como liberdade.</p>	<p>Jornalistas, servidores públicos, professores, escritores, médicos e detentos;</p> <p>Repórter participativo;</p> <p>Telespectadores pela internet.</p>	<p>Criação de ambiente imersivo pela edição (arte trecho dos livros + sonora com comentários dos leitores);</p> <p>Inserção de vídeos com participação do público;</p> <p>Recursos gráficos na estrutura da reportagem;</p> <p>Metanarrativa;</p> <p>Dialogia com a inserção de poemas e trechos dos livros nas reportagens.</p>

Fonte: Elaborada pelos autores (2023)

Na categoria “contexto” observamos que a reportagem indica aos telespectadores, de forma verbal ou através de recursos gráficos, a localização dos clubes de leitura apresentados. Nesse sentido, ao destacar um evento similar realizado em um *pub*, a cidade de Londres, na Inglaterra, também é caracterizada na matéria como uma “cidade literária”, lugar onde escritores célebres, como George Orwell e J. K. Rowling, encontram inspiração para suas histórias.

Os episódios ainda apresentam as configurações de clubes de leitura clássicos, caso do mostrado em São Paulo, e dos tradicionais, porém segmentados, como no Rio de Janeiro e Nova York, com leituras temáticas sobre feminismo, sociedade e democracia, por exemplo. No entanto, os repórteres não tensionam o formato e as características dessa prática de leitura ao apresentar o “Clube do Livro *Rock ‘n Roll*” (Londres), que tem dinâmica próxima a um encontro entre autor e leitores, com entrevista e leitura aberta dos livros relacionados ao estilo musical. Embora apresente diferentes clubes de leitura, a reportagem não explica claramente a diversidade dos formatos possíveis.

No “enredo” destacamos a experiência imersiva criada em alguns episódios da série jornalística. Ao participar de um encontro de um clube de leitura de São Paulo, a repórter Mônica Waldvogel se preparou para a reportagem lendo a obra previamente indicada pelo grupo, o que a permitiu que se integrasse e compartilhasse a experiência como participante e não apenas entrevistando os leitores. Waldvogel opina e recomenda o livro em discussão pelo grupo e afirma ter se surpreendido com o texto, que, habitualmente, não faz parte das suas preferências de leitura.

A análise também indica uma abordagem da série sobre a função social de clubes de leitura, como na reportagem sobre pessoas privadas de liberdade em que a prática é adotada pelo sistema prisional como método de remição de pena. Além do benefício da redução da punição com a antecipação do fim do cárcere, de forma metafórica, a matéria representa a literatura como sendo outra forma de libertação através do conhecimento, da imaginação e da criatividade.

Em alguns episódios há uma mistura de temas, quando são introduzidas discussões sobre a produção editorial no Brasil e sobre eventos literários, quando o episódio trata, fundamentalmente, das experiências em clubes de leitura. Esses temas paralelos não são justificados na reportagem e geram confusão acerca do que são os clubes de leitura e qual sua função.

Assim como na escolha do *pub* inglês, que promove um clube de leitura dentro do bar, como “personagem” e cenário da matéria, a maioria das escolhas editoriais das reportagens da série indicam serem pautadas por valores-notícia, principalmente, pelo inusitado/curioso, nos termos de Traquina (2005). Nesse sentido, as matérias destacam uma variedade de clubes e temáticas paralelas, que podem até ter relação com os clubes de leitura, contudo, desde que tenham características que se destaquem do que a equipe reconhece como sendo um clube de leitura tradicional.

Na categoria “vozes” destacamos a escolha de fontes, o que implica no sentido produzido sobre os clubes de leitura, compostos nas reportagens, majoritariamente, por pessoas brancas, de classe média alta, moradoras de regiões nobres de grandes centros urbanos, com ensino superior completo e atividade profissional como engenheiros, jornalistas, servidores públicos, professores, escritores e médicos.

Em um trecho do segundo episódio, um mediador de um clube de leitura em um condomínio no Rio de Janeiro, afirma em entrevista que o perfil de participantes de seu

grupo “não é dona de casa, é mulher aposentada, com um nível social bom”. O que nos leva a concluir que, apesar da quantidade considerável de clubes de leitura e entrevistados apresentada na série, isso não se traduz em sociodiversidade quando analisamos as “vozes” presentes e ausentes e inferimos o perfil e a representação de quem participa, criados pelo programa jornalístico.

A exceção a essa tendência observada na escolha das fontes/clubes de leitura fica na inclusão de entrevistas com pessoas privadas de liberdade no último episódio, sobre a literatura que liberta, e na participação de telespectadores que enviaram vídeos através do *site* da GloboNews relatando a experiência em seus clubes de leitura.

Por fim, na categoria “edição”, destacamos o processo de montagem do material audiovisual que intercala trechos dos livros lidos por um grupo de leitores e os comentários e avaliações sobre cada trecho, criando nas telas um tipo de experiência remota de clube de leitura audiovisual a partir de um movimento de imersão (tele)jornalística. Em que, ainda que de forma limitada, o telespectador é convidado a fazer parte do encontro mergulhando na dinâmica de participação dos que experimentam a atividade presencialmente.

A criação de uma metanarrativa no segundo episódio também é identificada. Em movimento de autorreferencialidade, característico de processos de midiaticização, o repórter convida participantes de um clube de leitura que estavam lendo o livro “Escravidão”, de Laurentino Gomes, para um encontro com o autor enquanto grava uma entrevista para a edição seguinte do programa. A participação dos leitores do clube na entrevista pode ser observada tanto no episódio da série como em outra edição do programa que trata sobre as feiras literárias. A reportagem da série é utilizada como *teaser* para a entrevista completa com Gomes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que com uma representação limitada dos clubes de leitura, cabe reconhecer o importante trabalho da equipe ao propor a temática em foco para essa série de reportagens, que abriu a temporada de 2020 do programa “GloboNews Literatura”.

Por outro lado, é importante frisar que, a partir da análise do material estudado, identificamos que, por mais que a série jornalística apresente quantidade considerável de clubes de leitura, a imagem criada, a partir do recorte metodológico realizado, é a de

que os clubes de leitura são caracterizados por um ambiente altamente intelectualizado/segmentado, a despeito da natureza inclusiva desse fórum de interação. Ou seja, um ecossistema muito específico direcionado para uma parcela de sujeitos interpretantes, de um grupo social elitizado, independentemente do país em que os encontros ocorram. Dessa forma, tende a provocar um processo de consolidação para o qual esse fenômeno social, em sua maioria, é direcionado, ou seja, para as elites, excluindo portanto, uma grande parcela da população brasileira, tendo em vista o caráter de *mainstream* que o hospeda.

Isso não quer dizer que os clubes de leitura sejam ambientes não dialógicos pouco abertos a possibilidades de participação e a dinâmicas colaborativas. O que se pretende ressaltar é que a forma como o “GloboNews Literatura” foi organizado tende a caminhar na contramão do que a educomunicação, enquanto campo de mediações propõe. Ou seja, ratifica-se mais uma vez que é a condução do ser humano que define o compromisso social de um meio de comunicação.

Portanto, analisando a representação e produção de sentidos da série jornalística do “GloboNews Literatura”, é possível concluir que há uma apresentação geral do que são e das dinâmicas dos clubes de leitura, no entanto, não há um aprofundamento em questões como a diversidade de formatos e público, por exemplo. O perfil dos clubes de leitura e dos participantes apresentados nas reportagens é homogêneo, o que possibilita a interpretação de que se trata de uma prática restrita a determinados grupos sociais. Nos poucos casos em que há a inserção de grupos socialmente diversos os clubes de leitura e a literatura são, também, apresentados como um meio para se obter algo “maior”, e não somente como uma prática que possibilita o desenvolvimento intelectual e crítico do leitor, por exemplo, como é colocado na maioria dos outros grupos representados na série.

Diante dessa situação, a natureza educucomunicativa dos clubes de leitura fica profundamente abalada, considerando-se a proposta inclusiva da educomunicação, que pretende ampliar os espaços de intercâmbio entre os estratos sociais, entre o saber erudito e o popular, entre a Academia e as comunidades.

REFERÊNCIAS

-
- ATWOOD, M. Prefácio. In: SLEZAK, E. (Org.). **The Book group book**: a thoughtful guide to forming and enjoying a stimulating book discussion group. Chicago: Chicago Review Press, 2000.
- AMORIM, E. **História da TV brasileira**. São Paulo: Centro Cultural de São Paulo, 2008.
- AMORIM, E. **TV Paulista Canal 5**. São Paulo: Centro Cultural de São Paulo, s.d.
- CERQUEIRA, L. J., VIZEU, A. E. P. Os saberes da pedagogia no telejornalismo: Paulo Freire e a prática jornalística. **Revista FAMECOS**, 26(1), jan.-abr. 2019, pág. 1-18.
- COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2021,
- FAILLA, Z. (Org.). **Retratos de leitura no Brasil**. São Paulo: Sextante, 2021.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 20 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Educar com a mídia**: Novos diálogos sobre educação. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 77 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- GALLIAN, D. **A Literatura como remédio**: os clássicos e a saúde da alma. São Paulo: Martin Claret, 2017.
- HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.
- HARTLEY, J. **The Reading Groups Book**. New York: Oxford University Press, 2003.
- MILTON, J. **O Clube do Livro e a Tradução**. Bauru: EDUSC, 2002.
- REHBERG SEDO, D. (Ed.). **Reading communities**: from Salons to cyberspace. New York: Palgrave Macmillan, 2011.
- SOARES, I. O. Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. **Comunicação e Educação**, v. 19, p. 15-26, 2014.
- SOARES, I. O. Educomunicação, um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. VII, n.19, p. 12-24, 2000.
- STRIPHAS, T. **The Late Age of Print**: everyday book culture from consumerism to control. New York: Columbia University Press, 2009.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.
- VIZEU, A. **O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 40, dezembro de 2009, pág. 77-83.
- YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.